

“Carta a um filósofo” - Ruth de Paula Marques

Para: Quinto Horácio Flaco

São Paulo, 27 de novembro de 2016.

Meu amor Quinto Horácio Flaco,

Por quanto tempo te tenho meu pensador. Agregas em mim teu espírito como um selo que se alarga na amplidão de minhas idéias; e os teus passos posso eu sentir em cada esquina, pela curva inacabada de minha saudade, que me faz virar e ver a tua sombra que me protege e me diz que nada vai nos separar e que os séculos só nos tem trazido o conhecimento e a percepção de que nossa história se alonga através do tempo.

Que o andar dos relógios não conseguem mais marcar nossos encontros e desencontros, pois a nossa determinação de almas gêmeas não sucumbem jamais à separação.

Pois na minha infância, quando lia as escrituras sagradas das histórias dos apóstolos e de Jesus e, mesmo antes, nas histórias de Moisés, as epístolas já me lembravam algo vivido e partilhado. Era sua forma de escrever quando famoso aqui na terra, eram seus poemas e pensamentos em forma de epístolas que me levavam a um porto de chegada e de partida que eu conhecia. Que me fazia decorar a bíblia e ler, relendo para me deliciar com tuas partes, que nem sequer imaginava ser você a me olhar e acariciar enquanto cismava nos textos sagrados.

Consigo te sentir na Filosofia. Me levastes aos bancos escolares junto ao grupo dos filósofos, como encontro marcado, para celebrarmos nossas vidas, nossos momentos sagrados, nossas reflexões e nossos primeiros conhecimentos e descobertas do Universo.

E você, você marcou conosco o encontro dos presentes e dos ausentes em corpo da matéria. A tua presença é mais assídua dos que os que com os corpos estão. A tua fala ressoa em minha mente e se arrasta ao meu intelecto, realizando a união de nosso pensamento.

Minhas dúvidas são as tuas e minhas brincadeiras com os mestres tem o teu traço; e teu abraço atravessa a saudade de teus amigos que se abraçam, através de mim, e que te amam o tanto que a mim me amam.

E nossos ventos continuam a soprar, e no momento me escuto em teu chamado, dizendo “Carpe Diem”, na exortação de aproveitar rapidamente a vida, antes que a morte nos chegasse numa surpresa amarga e traiçoeira. É como um encanto, que prossegue no tempo que nos demos e permitido por Deus com seu olhar.

Agora em meu vô sem asas, posso sentir no assento vazio ao lado tua presença, e me levo ao encontro de teu pensar, sintonizando a comunicação que me permite segurar em tuas mãos.

E, Horácio, se neste veículo dos céus que nos transporta, meu medo se esvai sob teus braços, é porque tuas epístolas poéticas jamais se ausentaram do meu ser, ávido do mundo das poesias sem matéria, que se alimenta do fluído de tua alma benfazeja, como aliança milenar que aceitamos, sabendo da solidão de cada verso.

Por terras remotas, Roma, Atenas...me recordo a seguir-te nos teus passos e na melodia eu chorava e aprendia mais de ti. Por elas conheci o som do amor. Foi ouvindo teus princípios que sanei as minhas dúvidas, e foi andando ao teu lado que acalmei meu coração.

Só o maior dos poetas me tocava no diapasão. E eu cantava pelos vales e com tua voz me sublimava o coração no “laudatio”, eternizando nossos feitos e amigos que compunham, como nós, os personagens que naquela época vivíamos.

Nosso lar era a natureza, eram as abelhas nas colmeias, os pássaros nos ninhos, as flores que se abriam no perfume e a nossa cama era o chão sem construção.

És soberano por toda parte, tuas lições são aprendidas e ensinadas. São consagradas nos institutos, mas não te conhecem pelo teu nome, pois a poeira do esquecimento dos homens não contempla a imortalidade e seus legados de formação.

És mestre de toda escola e a sabedoria que trás no peito, se observa em, anos antes de Cristo, pois já eras um arauto que exortava na melodia o epicurismo de absorver e gozar a vida com prazer e sabedoria, preparando, quem sabe, a chegada do maior dos poetas que aqui viria a ditar um código epistolar, que somente os homens de boa vontade saberiam ler e reconhecer, obra prima que viria transformar o mundo em suas convicções.

Minha carta ainda conta sobre tua previsão atual de nossos amigos filósofos de hoje e o comovente reencontro com os diferentes de uma época que se estende até hoje, unindo e cumprindo um encontro marcado de milênios atrás.

Foi atrás dos tempos que descobrimos a razão e a sabedoria dentro de tua fascinação por Homero, te inspirando nas poéticas do pensamento, dentro do “recusatio” pela humildade em reconhecer e se acanhar como discípulo sempre do maior e grande Homero, sem perceber de teus predicados que já nasciam e afloravam os amigos que te ouviam emocionados.

Na verdade, se me aceitarem em meus arroubos, devo confessar que esta é uma carta de amor. Pela vida e pela imortalidade e, ainda, e, principalmente, por ter um nome: Horácio!

Pois foi nesse nome e em todas lembranças que me inspirei e carreguei até estas páginas estes pensamentos e recordações.

Termino como comecei, apenas contando uma história de amor, diferente pelos personagens, um aqui na terra e outro no espaço da imensidão dos céus, mas ligados pelo humano que os revestem, como ponto de origem e fundamento.

E nesse universo vemos as portas se abrirem para o reencontro dos espíritos que se unem a qualquer época e lugar, pelo vínculo de uma força superior da vontade de amar e perpetuar o amor através dos séculos!

Sua eterna amada Ruth.